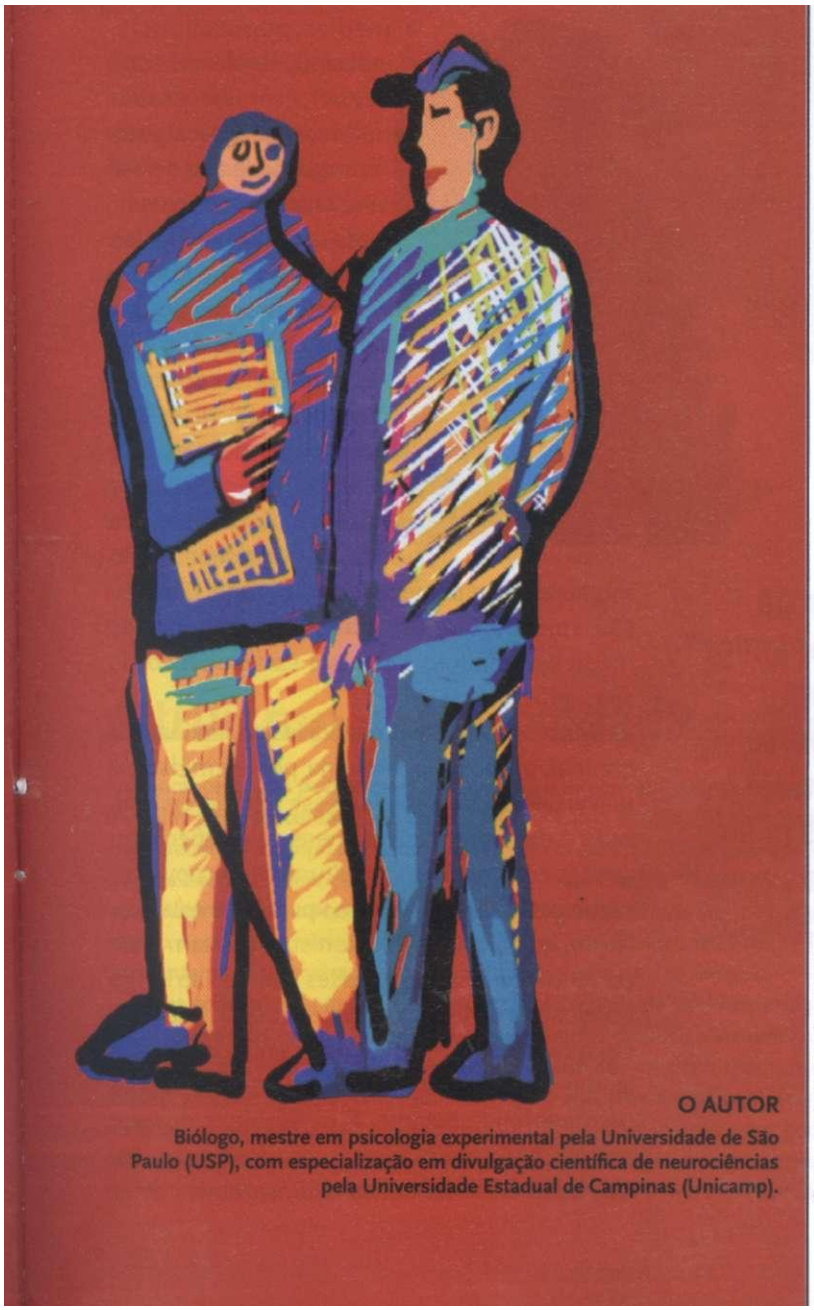
Gênero e amizade

POR MAIS CURIOSO QUE POSSA PARECER, TER UM CROMOSSOMO X EM VEZ DE UM Y, OU O INVERSO, INFLUENCIA NOSSO MODO DE CONVIVER COM AMIGOS; PARA OS HOMENS, O QUE CONTA É A QUANTIDADE DE RELAÇÕES, ENQUANTO PARA AS MULHERES EM GERAL, VALE MAIS A INTIMIDADE QUE O RELACIONAMENTO PROPORCIONA



O AUTOR
Biólogo, mestre em psicologia experimental pela Universidade de São Paulo (USP), com especialização em divulgação científica de neurociências pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

© DIANA ONG/SUPERSTOCK/GETTY IMAGES

// por **Cesar Oscar Ornelas**

Viver sozinho, em um deserto de relações interpessoais é, para os humanos, o pior dos desfechos possíveis (como provam as celas solitárias dentro de prisões, que conseguem ser o castigo dentro do castigo). E não somos apenas seres sociais que se agrupam visando à proteção que grandes grupos podem oferecer. Somos animais que se aproximam uns dos outros em busca de carinho, apoio psicológico, compaixão - enfim, de amizade. Conhecendo a importância deste relacionamento em nossa vida e o tempo que despendemos nessas interações, é de esperar que as pessoas variem a posição e o estilo de tratamento de amigos de acordo, por exemplo, com seu histórico de vida, meio cultural em que estão inseridas, faixa etária e sexo. Este último aspecto costuma ser tema de controvérsia: tanto cientistas quanto leigos se perguntaram se o gênero de uma pessoa influiria nas características das relações que estabelece. Afinal, parece estranho que ter um cromossomo X em vez de um Y, ou o inverso, possa ser motivo de influência em nosso modo de conviver com amigos. Mas é! Pelo menos no que diz respeito às médias comportamentais observadas na população.

Muitas vezes é perceptível que, de maneira geral, homens e mulheres agem de formas bastante específicas com seus amigos de mesmo sexo. Na infância e adolescência as meninas costumam desfilar pela escola com sua "melhor amiga", enquanto os meninos se orgulham de expor a todos a imponência de seu grupo de amigos. Mesmo na vida adulta muitos

homens buscam número maior de amizades, muitos com baixíssimo grau de intimidade, o famoso "amigo de boteco", enquanto mulheres costumam valorizar a intimidade e ter um círculo menor - para elas vale mais a qualidade que a quantidade.

Numa pesquisa realizada durante meu mestrado, perguntávamos a pessoas de ambos os sexos como escolhiam seus amigos mais próximos. Ficou claro que muitos homens têm dificuldade até mesmo de entender o conceito de "melhor amigo". Era comum que algum participante do sexo masculino indagasse: "Mas o que seria isso afinal? Eu não tenho isso". Iniciava então um debate, com outros homens apoiando sua opinião. Nenhuma mulher jamais estranhou esse conceito, e sempre respondiam à pergunta com muita naturalidade

Na verdade, elas estranhavam outra parte da pesquisa, na qual questionávamos as diferenças entre características desejáveis em uma amiga pouco íntima e na melhor amiga. Desta vez foram os homens que não tiveram problemas em enumerar as diferenças, enquanto elas aparentemente se perderam na distinção dos dois conceitos, como se considerassem a existência de menos gradações nesse tipo de relação. Ou seja, as mulheres veem menos diferenças entre as duas categorias, pois pensam inicialmente em amizade como algo implicitamente íntimo e afetivo. Não existiria a "amiga de boteco": ou é amiga ou não é. Em todas as amizades consideradas há um grande investimento afetivo, que leva ao enorme gasto de tempo e recursos psíquicos, dificultando que muitas relações sejam mantidas simultaneamente em atividade.

A figura da "melhor amiga" é comum no universo feminino; já os homens ficam confusos com esse conceito

EM BUSCA DE PROTEÇÃO

A questão numérica é importante para o sexo masculino: homens são mais inclinados a optar por ter um maior número de amigos, mesmo que isto implique perda da proximidade, enquanto mulheres conferem maior importância à proximidade afetiva, mesmo em detrimento da quantidade. Geralmente mais agressivos e competitivos, eles veem em grandes grupos a garantia de força e proteção contra os "inimigos". No que diz respeito à aceitação de um novo integrante no círculo de relações, estudos mostraram eles avaliam número de amigos que já têm e em quantos acreditam ser "ideal". Já para elas, a aceitação da nova amiga se baseia na percepção sobre o que seria uma amizade desejável - novamente indicando a importância da proximidade.

Obviamente há homens que têm um "melhor amigo" e mulheres que cultivam várias amigas, sendo algumas "de boteco". Considerando isso, é preciso ressaltar que esses padrões referem-se a médias populacionais, indicando tendências que levam à maior probabilidade de que alguns comportamentos sejam encontrados com maior frequência em alguns grupos. É como afirmar que em média homens são mais altos que mulheres. Há exceções, o que não quer dizer que o padrão não exista. Assim, haverá homens que valorizam muito mais a intimidade, como mulheres com percepção mais grupai. Porém, são sujeitos que escapam ligeiramente das médias de padrão universal característico de seus gêneros.

Mas será que a preferência masculina por grandes grupos e a feminina por intimidade é universal? Como saber se esse padrão de amizade é de alguma forma inerente à espécie ou apenas construção sociocultural de um povo em particular? Como indicativos para fazer esta avaliação, psicólogos evolucionistas utilizam a recorrência generalizada desses padrões ao longo do espaço e do tempo nas diferentes civilizações. E o que se constata em contos antigos, mitos e lendas é que durante variadas eras esse padrão permaneceu constante. E mesmo estudos em populações atuais apresentam fortes evidências de que em variadas culturas, muitas delas

© MONKEY BUSINESS IMAGES/SHUTTERSTOCK

© STANISLAV PEROV/DREAMSTIME

AO LONGO DOS SÉCULOS os homens viveram em ambientes mais seguros, sob a influência familiar e com amizades duradouras, formadas desde a primeira infância – e até hoje trazem resquícios dessa experiência

completamente isoladas, homens são grupais e mulheres, mais "pessoais". Assim, infere-se que padrões comportamentais que pouco ou nada mudam ao logo da história provavelmente refletem uma característica universal da espécie, visto que as pessoas afastadas tanto pelo espaço quanto pelo tempo têm em comum apenas o fato de serem *Homo sapiens* - sendo muito improvável que as características se mantivessem as mesmas apenas por coincidência.

Se de fato há uma estrutura cognitiva diferente entre homens e mulheres para as construções de suas redes sociais de amizade, por que, afinal, existe diferença? Que pressões seletivas atuaram ao longo da história evolutiva humana a ponto de determinar essa formação de características?

Altruísmo, reciprocidade e riscos

Colaborar com uma pessoa que não é parente e receber em troca menos do que foi investido pode ser considerado um suicídio evolutivo. Estaríamos investindo, de graça, recursos e tempo em genes que não são nossos – e consequentemente, ficando para trás na competição por sobrevivência e reprodução. Neste ponto, a amizade humana pode, pelo menos *a priori*, parecer um grande dilema aos iniciantes no estudo da evolução, visto que, derivando de seu forte apego emocional, muitas vezes apresentamos demonstrações de puro altruísmo para com os amigos.

Esse comportamento não se encaixa completamente na teoria esperada, segundo a qual se consideraria que relações entre não parentes devessem ser embasadas na troca de favores – ou seja, na reciprocidade, mesmo não imediata, mas que oferecesse suporte afetivo e social. Estudos vêm mostrando que, para a espécie humana, a busca da reciprocidade não é uma boa explicação para amizades íntimas – que podem apresentar períodos de desequilíbrio – e relações que não seguem o padrão esperado para os relacionamentos firmados na troca de favores em prol de um ganho pessoal final.

Atualmente, aceita-se que a estrutura social dos primeiros humanos era provavelmente marcada pela maior migração de mulheres, enquanto os homens permaneciam no grupo natal. Essa hipótese se baseia em diferentes tipos de evidências. A primeira é o estudo do comportamento comparado: grandes primatas não humanos, que são nossos parentes mais próximos, apresentam o mesmo padrão de dispersão, um bom indício da ancestralidade do padrão. Segundo: pesquisas feitas com sociedades caçadoras-coletoras atuais revelam o estilo de vida que mais se assemelha ao ancestral, mostrando mais comumente esse perfil de dispersão feminino. Em terceiro lugar, estudos genéticos de populações atuais mostram que o DNA mitocondrial, passado apenas da mãe para os filhos, é muito homogêneo entre as diferentes populações humanas ao redor do planeta, enquanto o cromossomo Y, transmitido pelo pai apenas para os filhos homens, apresenta características peculiares a cada população. Isso indica que houve uma dissipação muito maior de mulheres do que de homens ao longo do tempo evolutivo.

COMO IRMÃOS

Eram elas que migravam do grupo de origem e acabavam tendo menor número de amizades, pois ao chegarem ao novo ambiente tinham de começar a construir seus relacionamentos do zero, com pessoas não aparentadas. É sabido que relações entre não parentes ou parentes distantes requerem maior investimento inicial, mais manutenção da proximidade afetiva e, apesar disso, esses relacionamentos são, em geral, mais frágeis que aqueles entre pessoas da mesma família. Desta maneira, o cérebro feminino "preparou-se" para a construção de uma rede social restrita, permitindo que as mulheres alocassem maiortempo e investimento nas relações interpessoais, o que lhes proporcionaria um ambiente socioecológico mais seguro, onde poderiam contar com suporte de terceiros em seu dia a dia.

Acredita-se que, no caso dos homens, a exposição a um ambiente mais seguro, sob a influência familiar e amizades longas, formadas desde a primeira infância, tenha feito com que a pressão seletiva exercida para o aumento do investimento interpessoal fosse menor que

a pressão enfrentada pelas mulheres. Entre parentes a reciprocidade também seria menos importante, pois a consanguinidade compensaria os custos de uma ajuda não retribuída. Essas pressões seletivas, no entanto, criaram adaptações para um estilo de vida muito diferente do atual. Será que depois de séculos ainda existiria alguma influência desse passado ancestral em nosso comportamento?

Provavelmente sim. Primeiro temos de levar em conta que não foi há tanto tempo assim. A agricultura, a grande transformadora de nosso estilo de vida, surgiu há não mais que 20 mil anos, e a sociedade industrial, há apenas 300. Levando em conta que o *Homo sapiens* existe há pelo menos 200 mil anos e o gênero *Homo*, há 2 milhões, o tempo vivido pela humanidade na estrutura atual da sociedade moderna corresponde apenas a uma pequena parte de nossa adaptação evolutiva. E esse período é consideravelmente curto para que ocorresse alguma mudança neurológica e comportamental relevante em razão das novas pressões seletivas.

Ou seja: não podemos menosprezar o fato de que, em última instância, somos seres com cérebro selecionado para um ambiente caçador-coletor, porém vivendo em cidades! Isso implica que mesmo hoje homens olharão para outros homens de seu grupo como se fossem, de alguma forma, "parentes". Esta afinidade se vê, com frequência, por exemplo, entre torcedores de um mesmo time de futebol. Isso ocorre porque os machos da espécie ainda utilizam mecanismos cognitivos adaptados a um ambiente onde todos tinham, inerentemente, laços de sangue. Não houve pressão seletiva para que um mecanismo rigoroso de "reconhecimento de não parentes" fosse selecionado simplesmente porque essa situação de convívio era rara o suficiente para que processos de seleção diferenciada não agissem. Alguns pesquisadores, entretanto, consideram pouco convincente essa explicação para diferenças entre os sexos nas relações de amizade, alegando que mesmo em pequenas sociedades caçadoras e coletoras as pessoas entram em contato com estranhos. E têm de fazer escolhas, como com quem estabelecer relações de troca e até casar. Os arranjos sociais que observamos seriam produto dessas escolhas. Mesmo em comunidades tradicionais nem todos os indivíduos têm o mesmo potencial como bons parceiros, e até nestas sociedades é esperado que as pessoas estejam aptas a discriminar parentes próximos e distantes, entre possíveis parceiros com alto ou baixo valor reprodutivo e entre um cooperador confiável ou não. Porém, até os estudiosos admitem que a convivência diminui a necessidade de discriminação.

Como exemplo desta característica mais masculina de "confundir mentalmente" amigos com parentes, é possível considerar o pouco suporte oferecido na amizade

Somos seres com cérebro programado para lugares onde prevalecem atividades de caça e coleta, porém vivemos em cidades, o que pode causar algumas distorções

© WINDZEPHER/ISTOCKPHOTO

Para cada necessidade um aprendizado

A psicologia evolucionista parte da ideia de que as diferentes espécies animais apresentam "comportamentos preparados", selecionados e específicos para os desafios que sua espécie em particular enfrentou no ambiente natural. Isso quer dizer que alguns padrões de ação motora e de cognição ocorrem com maior facilidade e são associados a estímulos particulares. O processo se dá simplesmente porque esses animais desenvolveram ao longo de sua historia evolutiva mecanismos que facilitaram a ocorrência de determinadas respostas. Indivíduos que aprendiam esses comportamentos específicos de forma rápida e eficiente tinham vantagens de sobrevivência e reprodução sobre os demais de sua espécie – e propagavam seus genes.

Ampliando este raciocínio, podemos pensar não apenas em propensões diferentes entre espécies diferentes. É aceitável dizer, por exemplo, que entre os sexos diferenças evolutivas que acarretaram estruturas cognitivas distintas também se fizeram presentes. Estudos indicam que em seu passado ancestral machos e fêmeas de humanos ocuparam nichos ecológicos diferentes por tempo suficiente para a formação de idiossincrasias.

- não há um grande investimento psíquico, assim como não havia "necessidade" dessa postura entre parentes nas sociedades ancestrais, visto que viviam na mesma comunidade e o risco de não retribuição (de ajuda, atenção e até bens materiais) era pouco relevante. Em contrapartida, as chamadas "ajudas de alto custo", típicas da mulher, se mostraram voltadas principalmente para indivíduos próximos. Isso mostra uma capacidade feminina mais elaborada na separação entre parentes e não parentes e em um maior rol de comportamentos específicos para lidar com cada um deles.

OLOF EKSTRÖM/CREATIVE COMMONS

NAS SOCIEDADES PRIMITIVAS, as mulheres que migravam do grupo de origem acabavam tendo menor número de amizades, pois ao chegarem ao novo ambiente tinham de começar a investir em aproximações

NOVAS SITUAÇÕES

Pensando desta forma, podemos constatar que para nosso ambiente atual, de convívio diário com centenas de não parentes, as mulheres estariam cognitivamente mais bem adaptadas do ponto de vista evolutivo. Contudo, seria uma avaliação um pouco precipitada, que levaria à dedução de que as pessoas em geral sofrem pressão seletiva e aquelas com padrão mais "íntimo" de amizades de algum modo seriam atualmente favorecidas pela seleção natural. Eé justificadamente questionável que em nossa sociedade existam pressões seletivas que levem a modificações das estruturas cognitivas de forma que gerações futuras se adaptem melhor a outros tempos.

Surgem dúvidas a respeito da transformação das estruturas, pois não é imprescindível que se modifiquem para se encaixar melhor a novas situações. Os aspectos (cognitivos ou não) de um organismo selecionados para lidar com contextos específicos podem ser "remanejados" e usados de maneira diferente, porém eficiente, em funções para as quais não foram ancestralmente selecionadas - um processo conhecido como exaptação. Com avançada capacidade de plasticidade comportamental, o ser humano é um animal com especial facilidade para adequar de forma satisfatória seu comportamento pré-preparado às novidades repentinas do ambiente. Podemos entender que ambos os estilos de amizade apresentam, também nos dias de hoje, qualidades que beneficiam a vida em grupo, tanto na manutenção quanto na exploração de suas vantagens.

O estilo íntimo é mais adequado para algumas situações, o grupai para outras, mas as duas são estratégias equitativamente viáveis hoje em dia do ponto de vista evolutivo e adaptativo. No fim das contas, percebe-se que independentemente de diferenças entre homens e mulheres, que serão percebidas apenas em uma análise quantitativa em grande escala, o mais evidente é que, a despeito do momento histórico, da cultura ou do gênero, todos nós buscamos amigos - e estes constituem parte importantíssima do desenvolvimento de vidas psicologicamante saudáveis. Afinal, o receio da solidão e a construção de vínculos parecem ter sido o grande fator de sucesso entre os humanos que sobreviveram e puderam dar continuidade ao legado evolutivo da espécie.

PARA SABER MAIS

Fundamentos de psicologia: psicologia evolucionista. Emma Otta e Maria Emília Yamamoto. Guanabara Koogan, 2009.

Eu, primata: por que somos como somos. F. de Waal. Companhia das Letras, 2007.

Fonte: Mente&Cérebro, São Paulo, ano 18, n. 217, p. 46-51, fev. 2011.